

ENTREVISTA / SARAH FRIEDLAND, CINEASTA E COREÓGRAFA

'O etarismo é uma sequência do capitalismo'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pepita mais radiante do garimpo indie do Festival de Veneza de 2024, o drama "Toque Familiar" ("Familiar Touch") levou um ano para arranjar tela no Brasil, mesmo depois de ter se tornado o vencedor do prêmio de Melhor Filme de Ficção na 48ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. A espera não diluiu a força da narrativa escrita, dirigida e produzida pela estreante em longas-metragens Sarah Friedland, realizadora e coreógrafa nascida em 1992. Sua comunhão com a atriz principal, Kathleen Chalfant, é de uma plenitude de surpreender cineastas com vasta quilometragem profissional. Não à toa, a diretora ganhou o Leão do Futuro na terra das gôndolas. Sua estrela conquistou a láurea de Melhor Atriz na seção Orizzonti do Lido.

No roteiro, Ruth, uma mulher de 80 anos, está na transição para uma vida assistida, sem as companhias de outrora. Enquanto lida com a adaptação na casa de repouso, ela começa a criar conflitos consigo mesma e com seus cuidadores, em meio às mudanças de sua memória, sua identidade e seus desejos. Suas angústias alimentam o papo online que Sarah teve com o Correio da Manhã, sob a mediação da distribuidora Imovision.

Até que ponto "velhice" e "solidão" são termos sinônimos e de como seu filme explora essa relação entre envelhecer e estar sozinho?

Sarah Friedland - Não acredito que essas palavras estejam essencialmente conectadas, mas há uma sociedade segregacionista que dá

menos valor aos idosos e isola pessoas consideradas não mais produtivas. O etarismo é uma sequência do capitalismo.

Sua forma de trabalhar com sua protagonista, Kathleen Chalfant, para criar a figura de Ruth,

dá à velhice uma abordagem isenta de melancolias. Como se deu a construção desse olhar que não se rende ao catastrofismo e à finitude?

Não sei como é a experiência das populações idosas no Brasil,

mas eu fui cuidadora e uma das perspectivas que mais encontrava, na vivência com pessoas mais velhas, eram narrativas de abandono. É muito recorrente também a questão do esquecimento. Isso ocorre muito na arte porque, em geral,

muitos filmes sobre o tema assumem o olhar de um protagonista moço olhando para uma pessoa mais velha. Cineastas costumam reproduzir essa mirada de alguém mais jovem que observa gente mais velha na construção estética do discurso fílmico. Tentei ir por outro caminho e mostrar que pessoas são mais do que recordações.

Como foi construída a engenharia sonora do filme, já que a quietude e o silêncio parecem ser elementos essenciais desse mundo. Como o design de som foi estruturado?

Os filmes mais silenciosos conseguem ser os mais ruidosos na percepção da plateia. O lugar onde filmei, em Pasadena, chamado Villa Gardens, é mercado por barulhos dos rádios dos zeladores, por sirenes de ambulância, por apitos de troca de turno de funcionários. Eu precisava desse ambiente sonoro e acrescentei a ele a voz de Dionne Warwick.

O que te levou a Dionne Warwick?

Querida prestar uma honraria a uma estrela mais velha da música. Ela é uma referência, com uma estrada de prestígio. Quando escolhemos a canção dela ("Don't Make Me Over"), eu me surpreendi com a percepção de que o tempo é capaz de transformar uma letra. A música que parecia ser a cantiga para um amante hoje parece um poema avesso ao ageísmo.

Como um filme como "Toque Familiar" se encaixa no cinema feito hoje nos Estados Unidos?

É um momento de transição para quem opera na extremidade indie, porém ainda é robusta essa comunidade que segue fazendo filmes de forma independente hoje. Eu vivo em Nova York, tenho um projeto novo em andamento e encontro meu caminho. Kelly Reichardt é uma diretora que me inspira, embora seja de uma geração anterior à minha, já estabelecida.

Anna Ritsch/Divulgação

